

VIAGEM À RODA DA PARVÓNIA

Guerra Junqueiro
Guilherme de Azevedo
(Comendador Gil Vaz)



ESFERA DO CAOS
EDITORES

Título Viagem à roda da Parvónia | **Autores** Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo (sob o pseudónimo de Gil Vaz) | **Direitos Reservados para Atualização Ortográfica** © Esfera do Caos Editores Lda | **Design** Flukstudio | **Impressão e Acabamento** Papelmunde SMG Lda | **Depósito Legal** xxxxxx/06 | **ISBN** 989-8025-08-5 | 1ª Edição Setembro de 2006 | Esfera do Caos Editores Lda | Campo Grande Apartado 52199 1721-501 Lisboa | esfera.do.caos@netvisao.pt | www.esferado caos.pt

Nota do Editor

Os autores da versão original desta *Viagem à roda da Parvónia*, representada no Ginásio Dramático, e do livro que nela se inspira, que agora se republica, são evidentemente Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo. Gil Vaz, comendador, é o pseudónimo que ambos adoptaram, sem que se saiba ao certo quanto de um e do outro a prosa do «comendador» contém.

Optámos por fazer a actualização ortográfica a partir da segunda edição, em livro, de 1923.

Tenha-se ainda em conta que o prefácio e os dois pequenos textos introdutórios, que a seguir se reproduzem, enquadram suficientemente esta obra no seu tempo e nas suas vicissitudes, para além de nos darem aquelas referências fundamentais que se relacionam com a sua data e modo de produção, pelo que para aí remetemos, sem mais delongas, o leitor.

Refira-se, por último, que os comentários em nota que surgem no final da obra são indispensáveis. Não devemos deixar de os ler por estarmos convencidos que nada de relevante acrescentarão. Acrescentam, e muito. Se o texto denuncia e ridiculariza, os comentários ao texto, escritos por alguns dos nomes maiores da nossa cultura, aprofundam e dão consistência à sátira.

Ilustrado por

Manuel de Macedo

Anotado e comentado por

Alberto Braga, Alberto de Queiroz, Alfredo Ribeiro, Antero de Quental, Alexandre da Conceição, Bernardo Pinheiro, C. de Moura Cabral, Carlos Faria, Carlos Lobo de Ávila, Coelho de Carvalho, Cristóvão Aires, Fernando Leal, G. Gorjão, Gervásio Lobato, Gil Vaz, J. de Araújo, Jaime Batalha Reis, Jaime Victor, João de Deus, João de Sousa Araújo, José M. de Alpoim, Júlio César Machado, Leite Bastos, Magalhães Lima, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Rui da Câmara, Sérgio de Castro, Silva Ramos, Urbano de Castro, Vicente de Pindela...

ÍNDICE

AO LEITOR (Prefácio da segunda edição, 1923) de Caetano Alberto	13
<i>Meu caro Taborda...</i> de Gil Vaz	23
<i>Não é um prólogo...</i> de Guilherme de Azevedo	25
ACTO I	
QUADRO I	33
Cena I	33
Cena II	35
QUADRO II	45
Cena I	45
Cena II	47
ACTO II	
QUADRO III	59
Cena I	59
Cena II	63
ACTO III	
QUADRO IV	77
Cena I	77
Cena II	80

Cena III	83
Cena IV	86
Cena V	93
Cena VI	94
Cena VII	100
ACTO IV	
QUADRO V	107
Cena I	107
Cena II	110
Cena III	112
Cena IV	113
Cena V	118
Cena VI	127
Cena VII	131
QUADRO VI	134
Cena I	134
Cena II	139
Cena III	143
NOTAS E COMENTÁRIOS	147
<i>Era minha intenção...</i> de Guerra Junqueiro	205

AO LEITOR

(Prefácio da segunda edição)

De como adquirir a propriedade da Viagem à roda da Parvónia, escrita na redacção d'«O Ocidente»

*P*or 1878 é que eu conheci Guerra Junqueiro chegado a Lisboa. Não vinha precisamente de Freixo de Espada à Cinta, que lhe acolhera o berço sob a ramada secular, cujo extravagante título provocava os motejos do poeta, como naqueles improvisados versos a Fernando Caldeira, quando preso nos calabouços do Governo Civil, em dia de Entrudo, pelo nefando crime de ter desatendido o edital da autoridade proibindo o polvilhar os transeuntes, no Chiado, com gesso ou pós de goma dos graves peitinhos conselheirais.

Guerra Junqueiro, para livrar o autor d'A Mantilha de Renda dos «ferros de EI-Rei», invocava:

«Uma aurora de mil oitocentos e vinte!» e, sem mais, recorrer ao governador civil, Dr. Segurado:

Lacrimoso e mesquinho aos pés do Segurado

Pronto para a ternura e pronto para o crime,

E pedir-lhe por tudo aquilo que é sublime,

.....

.....

Pelos saltos mortais do can-can da alvorada,

Por tudo quanto é grande e heróico pela Espada

Que Freixo traz à Cinta, em seu brasão antigo.

.....¹

Não vinha do velho burgo, mas, se bem me lembro, de secretariar o Governo Civil de Viana do Castelo, como qualquer simples mortal.

Era um moço quase imberbe; apenas um escasso bigodinho mal lhe encobria os cantos da boca avincados do riso perene sarcástico, sobre o queixo largo, satírico, que lhe angulava a fronte, não muito alta, um tanto trapezóide, onde sobressaía o nariz adunco, de águia, olhos de singular brilho, vivos, penetrantes até ao íntimo da alma, nada escapando à sua visão psicológica.

Fraco de estatura física, medindo-a pela de João de Deus, não parecia um transmontano de Freixo de Espada à Cinta, antes de qualquer Vila Pouca; mas é certo que os homens não se medem aos palmos e aquele, quase liliputiano na figura, era um gigante no espírito, já então atestado por sua obra literária, de uma musa revoltada contra as velhas convenções académicas, românticas, lamechas, investindo altiva, ora elevada para sublimar a virtude, o heroísmo, ora sarcástica, vulgacha para estigmatizar os vícios, a hipocrisia tartufa; um escândalo de tropologia, tufão irreverente abalando até à raiz todo o convencionalismo social e literário como até ali se não ouvira. Os velhos conservadores sisudos estremeciam nas suas torres de marfim; a mocidade evolutiva, alvoroçada, batia as palmas aclamando o poeta d'A Morte de D. João, que ele adicionava à sua carta de bacharelato com que saíra da Universidade.

Tal, no momento, era Guerra Junqueiro quando vinha pisar o macadame da cidade de Ulisses, por onde já palmilhava Guilherme de Azevedo, que viera pouco antes de Santarém, onde nascera, trazendo na bagagem, não algum odre de azeite dos esgalhados olivedos, mas a Alma Nova, que o consagrava poeta, escrita no cartório do escrivão senhor seu pai, a quem por algum tempo substituíra no ofício.

¹ O Ocidente, Vol. I, pág. 42, ano 1878, nº 6.

Era outro revoltado, cultivando a sátira, o epigrama, um tanto paradoxal, afinando pelo mesmo diapásão de Guerra Junqueiro, que não sei se foi isto que aproximou os dois poetas, compreendendo-se, unindo-se como duas almas num corpo só, tornando-os inseparáveis, de modo a não ser fácil encontrar um sem o outro, ou que, pelo menos, não andassem distantes.

Guilherme de Azevedo era muito concentrado, feio, raquítico, coxo como Byron, nada atraente; tudo, porém, se modificava quando, no trato íntimo, ele abria a torrente do seu humorismo, misto de ironia e sátira, de um espírito superior e sensato, que, se não criava amigos, angariava, pelo menos, admiradores.

Eu fui um dos seus admiradores e a minha admiração levou-me a convidá-lo para cronista d'O Ocidente quando, em fins de 1877, eu fundava esta revista.

A convivência assegurou a amizade; tornámo-nos amigos.

Diariamente Guilherme de Azevedo vinha à redacção d'O Ocidente, instalada no segundo andar da Rua do Loreto, 43, onde tinha também o meu atelier escola de gravura, e ali escrevia ele as Crónicas Ocidentais, que fizeram época, esbrugando quinzenalmente a vida de Lisboa, desvendando, supurando, analisando os seus ridículos, em toda a linha, sob a crítica irónica, chistosa do seu modo de ver, original, inconfundível, dominando, por vezes, o paradoxo, nunca faltando, porém, o bom senso.



Um dia Guilherme de Azevedo não vinha só; acompanhava-o Guerra Junqueiro, chegado, havia pouco, a esta pequena Babilónia dos jardins suspensos ao longo da Cotovia, fazia-me a sua apresentação trocando os nossos primeiros cumprimentos, como da grei.

Dali em diante a visita à redacção d'O Ocidente era dos dois. Vinham da Baixa, estacionando pelo Martinho a tomar café e saber novidades do último livro que saíra e da última peça no D. Maria; subiam o Chiado, a ver a Lisboa que se mostrava,

detinham-se, ao cimo, na Havanesa onde os frequentadores discutiam os casos da política, e as bailarinas de S. Carlos; seguiam pela praça de Camões presidida pela colossal estátua do Épico, de camaradagem com as dos poetas do seu tempo, para que nenhum se escandalizasse da preferência dada ao autor d'Os Lusíadas e, dando mais meia dúzia de passos, entravam na redacção d'O Ocidente comentando as novidades que traziam, anotadas, pelo caminho, a lápis em bocadinhos de papel.

Eram matéria-prima para o fabrico de carapuças daquele «ofício brejeiro» de que fala Novais.

.....

*Obra pronta voa errante,
Feita avulso, sem medida
E no voo suspendida
Por qualquer que lhe apareça,
Lá lhe fica na cabeça
Té às orelhas metida.*

Assim teria de ser e foi; aquelas notas eram nem mais nem menos que para a Viagem à roda da Parvónia que estavam escrevendo para o Ginásio.

A crítica motejante espalhava-se a fluxo pelos quatro actos com carapuças bem talhadas para as cabeças das instituições, principiando pelas da autoridade e acabando nas dos mais graves conselheiros.

Outra coisa não era de esperar dos autores da peça, e o público, farejando o escândalo, transbordava da plateia, na primeira noite da récita. A princípio atento, não perdendo a mais pequena alusão, o menor gesto das grotescas personagens, não tardou em manifestar-se o desagrado do maior número, crescendo, crescendo à medida que se desenrolavam as cenas, cada vez mais cómicas, picantes, colidindo, acaso, com boa parte dos espectadores considerando-se atingidos pela crítica.

A tempestade não se fez esperar; rugiu, trovejou, principiando pelos pés, que não de vento mas de muitos bons burgueses

bem calçados, subiu às cadeiras, que voaram pela sala estilhaçadas e, se os apitos não estridularam a reclamar a polícia, é porque estava presente na pessoa do Sr. conselheiro Arrobas, Governador Civil, que desabou em cheio, com toda a massa da sua rotundidade e peso do seu nome, sobre o relatório de Gil Vaz, proibindo a representação por imoral e má figura!



Eu estava seroando já pela noite fora, como era costume, acompanhado por Manuel de Macedo, belo cavaqueador, quando ao atelier chegou a notícia do vendaval que ia no Ginásio; trazia-a Leite Bastos, comentando-a ao sabor da sua veia cômica. Não ficara uma cadeira, um banco inteiros; o Taborda fora pela primeira vez pateado na sua vida; os espectadores, à porta do teatro, discutiam acalorados a peça; o conselheiro Arrobas proibira a representação à uma hora da noite!

Era de esperar; atacava-se a moralidade da política por meio do relatório ao vivo do comendador Gil Vaz. Relatórios só os das finanças, que davam a ilusória esperança da extinção do deficit sempre progressivo, não perturbando a beatitude das consciências. Fazia lembrar aquele ferreiro que, lendo no Rei do Mundo uma descrição do velho Império Romano decadente, se indignou das imoralidades que lá campeavam e arremessou para longe o livro...

— Mas é a História! — observou-lhe alguém...

— Pois não quero a História — retorquiu inflamado, e foi continuar a malhar o ferro frio...



Da escada ouvia-se o ruído de pés que a subiam lentamente, e de mansinho abrir-se o reposteiro, entrando cabisbaixos Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo.

Momentos de silêncio.

O Guilherme atirou-se para cima do sofá; Junqueiro passeava pensativo.

— *Que se há-de fazer?* — aventurou Leite Bastos, mais grulha — *sempre é certo o Arrobas ter proibido a peça?*

— *E sim, lá está o aviso afixado à porta do teatro: «Por ordem da autoridade fica proibido, etc...»* — confirmou Guilherme de Azevedo, pondo-se de pé, arrimado à inseparável bengala, mão para o ar bem espalmada, como era seu hábito quando falava.

— *Ossos do ofício, ossos* — observou, fleumático, Macedo.

— *Nem sequer as três representações da praxe* — lamentou Guerra Junqueiro.

— *Ó diabo* — declamou Leite Bastos — *então largavam fogo ao teatro!*

— *Qual história, a pateada foi de encomenda para salvar as instituições* — atalhou irónico Guilherme de Azevedo.

— *Deixem lá; afinal o Arrobas fez-lhe o maior reclamo* — disse eu, metendo-me na conversa.

— *Há-de valer de muito, se está proibida* — acudiu Junqueiro.

Eu continuei:

— *Proibida de se representar; mas se se publicar em livro?*

— *É verdade!* — apoiaram todos.

Mas Junqueiro ainda ponderou:

— *E se o Arrobas mandar apreender o livro... Ele até proibiu os sinos de badalar...*

— *Isso foi por causa do Noivado do Sepulcro* — advertiu Guilherme de Azevedo, e com ênfase recitou:

Ouves além, no retumbar da serra,

O som do bronze que nos causa horror!

.....

— *E «ia alta a noite» como agora* — aditou chocalheiro Leite Bastos.

Às duas horas da madrugada ainda se discutia o caso, as mesmas horas que, talvez, em S. Bento, o Sr. D. Luís da Câmara Leme tocara a rebate, propondo a censura prévia, moral e política para as peças de teatro!

Era preciso desafrontar os autores da Viagem à roda da Parvónia, sem ir propor um duelo à espada ao Sr. Arrobas, cuja rotunda obesidade não se furtaria ao primeiro bote; mas pespegar-lhe pela frente a brochura com que os autores subiriam à glória e ele ao arame.

Dito e feito e, sem mais detenções, propus editar a obra.

Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo olharam-me surpreendidos, animando-se um tanto, mas objectaram. Parecia-lhes atrevida a ideia, de resto o tempo preciso para pôr o livro na rua não seria mais que suficiente para esquecer o escândalo?

— Qual, em menos de um mês estará composto; a impressão vai a vapor, na tipografia do Matos, a quem logo vou falar. Fica por minha conta; decidam. Quanto querem pelo original?

Os dois hesitavam ante a perspectiva de perderem o seu trabalho, ou de lhes render algum dinheiro...

Eu insisti oferecendo-lhes vinte libras em ouro autêntico, como agora se não colhem em caixa... Bons tempos aqueles...

Aprovaram, por fim, sorridentes. Entre o ouro luzente e o ostracismo, era preferível aquele.

Desanuviaram-se os horizontes.

Junqueiro, metendo o braço a Guilherme:

— Vem daí ver se encontramos o Arrobas. Oh! a vingança é o prazer dos deuses.



Levantou-se a sessão daquela noite memorável, que evoco de há quarenta e quatro anos, ao correr da pena, para satisfazer, tanto bem quanto mal, o pedido da COMPANHIA EDITORA PORTUGAL-BRASIL, de lhe relatar como adquiri a propriedade da Viagem à roda da Parvónia, juntando uma cópia fotográfica

do curioso e extravagante recibo, cujo original guardo como um dos mais preciosos autógrafos que possuo.

CAETANO ALBERTO

Recibi do Sr. Caetano Alberto a quantia
de 45 mil rs, pela parte que me per-
tence nos 30 mil rs. por que foi vendida de
a propriedade da viagem à roda da Parvónia,
mas dos peiros foyes que se tem scripto em bon-
fia buncha.
Fiz boia 4 de elleo de 1779
Guerra Junqueiro



Recibo da venda da propriedade literária da *Viagem à roda da Parvónia*, passado por Guerra Junqueiro.

Meu caro Taborda

A noite de 17 de Janeiro de 1879 foi a mais tempestuosa de que há memória, tanto na plateia do Ginásio como nos dramas da Rua dos Condes. O assobio silvava no ar com violência, os raios cruzavam-se na atmosfera — com castões de marfim, enquanto da segunda ordem, sobre os chapéus altos dos precitos, caía uma chuva torrencial de cadeiras de palhinha. Era um inferno!

A consciência de Gil Vaz sentia-se nessa hora um pouco satisfeita, pois que ele, comendador excepcional, tendo a certeza de haver feito uma obra infeliz, não podia limitar as suas ambições a ver o seu nome citado como o dum *talentoso confrade* nas locais do Sr. Quirino Chaves, ou elogiado como o dum *dramaturgo consciencioso* nas correspondências do Sr. Carrilho.

Quando temos a certeza de haver feito uma obra literária má, já é uma doce consolação que o noticiário nacional a considere de todo o ponto detestável.

O meu amigo, que nunca tinha visto assim desencadeadas em volta de si as fúrias do temporal, foi verdadeiramente heróico nessa noite, procurando salvar dos horrores da tormenta um relatório irremediavelmente perdido de antemão. Certamente merecia por tal feito a medalha de ouro que o *Diário do Governo*, de quando em quando, confere à «generosidade e à filantropia», se o Governo — por motivos políticos de consideração — não se recusasse obstinadamente a praticar esse acto de justiça.

Ofereço pois este livro a si e aos seus colegas que tanta coragem desenvolveram na *hora do perigo*, não exigindo que de futuro o tragam ao peito como ornato, nas ocasiões solenes, mas que simplesmente o guardem nas suas gavetas como lembrança dum relatório que, depois de viver o espaço dum pateada, intenta ressuscitar para viver o dum primavera.

GIL VAZ

Não é um prólogo que eu escrevo para o relatório de Gil Vaz, é simplesmente uma nota constituída por algumas linhas de prosa em que vou dizer, com toda a sinceridade, o que penso da *Viagem à roda da Parvónia* e da pateada com que o público a festejou na primeira noite da sua aparição.

Ao que me parece, o segredo da queda do relatório de Gil Vaz é fácilimo de investigar desde que o leitor tenha a paciência de o ler. Em primeiro lugar, este relatório não é uma obra de teatro: falta-lhe a estrutura cénica e as condições indispensáveis numa produção de tal natureza. Ora toda a gente sabe que uma obra destas, por mais sensata que seja, desde que deixou de ser lida no parlamento, por exemplo, para passar a ser lida no Ginásio, saiu do meio natural em que lhe era dado fazer dormir, para entrar noutra em que só podia ser pateada.

Em face desta verdade tão simplesmente enunciada, baqueiam todas as teorias formuladas a respeito da queda de tão conspícuo como moderado relatório. O espírito público, que muitos pensaram indignar-se pela crueldade da frase — e recomendação da polícia —, apenas se indignou, instintivamente, pela má divisão das cenas. Os espectadores ainda podiam perdoar que o pensamento aparecesse um pouco nu, mas o que não perdoariam nunca era que às actrizes não sucedesse o mesmo.

Um regime offenbachiano de quinze anos produz destas ambições salutaras, tanto na política como no teatro.

A *Viagem à roda da Parvónia*, em todo o caso, é uma obra de sinceridade posta em quatro actos e seis quadros. O Governo Civil, proibindo-a no dia seguinte ao da primeira representação, como atentatória da moral pública, prestou-

-lhe a maior homenagem oficial que estava na sua mão, distinguindo-a no meio da *degringolade* geral em que nada mais lhe era dado proibir, tanto nos costumes como na literatura.

À primeira vista parecerá um desacato que Gil Vaz no seu relatório represente, sob o aspecto de D. Quixote, o chefe do poder executivo presidindo a um conselho de ministros pantagruélico, excedendo os limites imagináveis e possíveis do burlesco. Esta noção cômica do poder executivo foi transmitida a Gil Vaz pela história do seu tempo expressa no jornalismo, nas discussões parlamentares, nas polémicas partidárias, nos panfletos e nas valsas quotidianas. A diferença de aspecto dos dois personagens consiste só em um andar vestido segundo Keil e outro segundo Gustavo Doré.

Isto é: a *Viagem à roda da Parvónia* não é uma inspiração de Gil Vaz; é simplesmente inspiração dum estado social e político reconhecido por todos. Hoje tirado do meio ruidoso da cena e colocado na pacífica serenidade do livro, este modesto relatório vai decerto encher de arrependimento muita gente que uma noite o pateou, iludida pelas transfigurações teatrais.

A *Viagem à roda da Parvónia* como afirmação política pode ser exemplo a parlamentares: em face das discussões jornalísticas, pode ter o valor dum lugar selecto, tal é a moderação de linguagem em que está escrita, a brandura das alusões, a modéstia dos epigramas, a ingenuidade da sua crítica posta em paralelo com os artigos de fundo, que, durante o período constitucional, têm feito a educação de duas gerações.

Gil Vaz não tem pois que arrepender-se da intenção que lhe ditou a sua obra, porque antes de tudo ela é o relatório sincero da desmoralização política e social contemporânea. Se deve penitenciar-se de algum pecado é de ter faltado ao que devia à sensibilidade pública, impor-

tando-se mais com os conceitos de que com a recitação ao piano!

De resto, o que se ataca neste relatório? A família? não. A inocência das donzelas? muito menos. A infalibilidade do Papa? de nenhuma forma. A própria monarquia constitucional e representativa? ainda menos. Nem a moral, nem a religião, nem as instituições.

Neste relatório dão-se apenas algumas gebadas inofensivas nos vícios, fazendo em vista deles alguns *croquis* a carvão com o piedoso fim de divertir as plateias.

Muitas das cenas nem têm o mérito da composição; são simples fotografias do natural. Noutras, Gil Vaz chega a mostrar-se digno da grinalda de rosas devida à virtude, tão ingénuas são as tintas de que se serve, como por exemplo no segundo acto, em que assistimos a uma luta eleitoral tremenda sem que nos seja dado escutar a mais simples descarga de fuzilaria! Os candidatos disputam o triunfo, a dinheiro e a vinho, tendo a simplicidade de não dar tiros um no outro! Que magnífico efeito teatral perdido! Decididamente, Gil Vaz faz do exercício do sufrágio um conceito muito inocente!

O desastre teatral da *Viagem à roda da Parvónia* explica-se pois pela deficiência de condições cénicas, e pela falta de aparato teatral a que o público de ordinário está costumado. Dado este lado fraco, a sátira ficou a descoberto das bengalas descontentes, que se aproveitaram de todas estas circunstâncias para tomar vindicta. O público, indiferente ou imparcial, achando que tinha pago de mais para ver pernas de menos, deixou-se também levar por influências suspeitas, e quebrou igualmente os bancos que encontrou à mão.

A *Viagem à roda da Parvónia* aqui está hoje pois num palco aonde o público a não pode patear — sem esgotar a edição. É esta a melhor desforra de Gil Vaz, que de ora avante pode responder pela sua obra, convencido de que

deve um favor aos espectadores que a apuparam e outro à polícia que a proibiu.

Foram eles que se encarregaram de demonstrar que a *Viagem à roda da Parvónia* não tinha realmente as proporções escandalosas que de princípio lhe atribuíram, como sacrilégio político e passatempo teatral.

GUILHERME DE AZEVEDO